

NOTICIÁRIO TORTUGA

ANO 31 - Nº 345 - NOVEMBRO/DEZEMBRO 1985

PROIBIDO

Ministério da Agricultura não permite uso de fosfato de rocha

Tem sido uma grande preocupação da Divisão de Fiscalização de Alimentos para Animais o uso indevido de fosfatos naturais na alimentação animal como fonte de fósforo. Com a finalidade de obter subsídios nesse sentido, a Secretaria Nacional de Defesa Agropecuária (SNAD) deste Ministério, encaminhou Ofício nº 091/85 à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA. Respondendo através do expediente C-DPP-018/85, a referida Empresa, diz que ainda não dispõe de resultados conclusivos que permitam uma manifestação a respeito do assunto.

Diante da ausência de embasamento técnico-científico sobre a disponibilidade biológica do fósforo e dos possíveis efeitos deletérios do flúor e fosfato de rocha, esta Divisão não permite o uso desses fosfatos nas indústrias produtoras de alimentos para animais.

Outrossim, esclarecemos que nos suplementos minerais e sais mineralizados destinados a bovinos, bubalinos, equídeos, caprinos e ovinos, o nível máximo de flúor (F) deve ser 1% de fósforo (P), segundo a AAFCO (Association of American Feed Control Officials), cujo procedimento é usado mundialmente.

Integra do ofício circular nº008/85, de 17 de setembro de 1985, enviado a todas empresas fabricantes de suplementos minerais, rações e concentrados, por Benício Torres Moraes, Diretor da Divisão de Fiscalização de Alimentos para Animais (Difisa), do Ministério da Agricultura.

Cartas a Redação

Inteiro dispor

"Ao assumirmos o cargo de diretor do Centro Nacional de Engenharia Agrícola - Cenea - Fazenda Ipanema, gostaríamos de colocá-lo ao inteiro dispor de V. Sas. Seu apoio será imprescindível para que o Cenea possa aprimorar-se cada vez mais, através de um trabalho sério, honesto, confiável e de elevado nível tecnológico".

Orlando Fontes Lima, diretor.
Sorocaba, SP.

Morte esquelética

"Prazeirosamente, meus protestos de pleno contentamento no que diz respeito ao sal mineral Fosbovi sal 20. Sobressaindo dentre outros, atinge no meio pecuário de minha região o ápice da credibilidade. De vários exemplos concretos, cito o magnífico desempenho de minha boiada. De um modo geral o rebanho apresentava sinais de carência mineral, destacando-se, no entanto, uns pares de reses em condições precárias, dos quais, duas vieram a morrer esqueléticamente.

Abandonei outros compostos dissimulados, os quais nem o nome merece atenção a esta altura e passei a ministrar o Fosbovi sal 20 puro. Bastou algumas semanas para se notar o rápido desenrolar de um processo surpreendente na progressão geral dos bovinos. Até um leigo se admiraria do ocorrido.

Se ininterruptamente e sem adulteração do produto, continuarem nesse ritmo, não resta dúvida quanto a um abrangimento de âmbito nacional e totalidade no mercado".

Joaquim Miranda Cabral
Parapuã, SP

Pecuária nacional

"Sou médico veterinário, assinante e leitor assíduo do Noticiário Tortuga. Nesta oportunidade quero parabenizá-los pelo excelente nível das reportagens e textos que chegam em nossas mãos, trazendo valiosas informações para um melhor desenvolvimento da pecuária nacional".

Célio da Cruz Fontes
Aracaju, SE

Várias matérias

"Através de um amigo chegou às minhas mãos a edição julho/agosto de 1985 do Noticiário Tortuga. Fiquei surpreso com a variedade de assuntos enfocados e com o grau de atualização dos mesmos. Muito me satisfaz o capricho da montagem e a maneira simples e elegante das várias matérias. Solicito o recebimento desse Noticiário e a possi-

bilidade de poder colaborar com os senhores".

Celso Ribeiro Angelo de Menezes
Sindicato Rural de Uberaba, MG

Sempre lê

Já há dois anos que sou leitor do Noticiário Tortuga, recebendo-o pontualmente no meu endereço residencial. Sempre que leio esse informativo fico atualizado no campo da veterinária aplicada. É de grande importância para mim ler os artigos escritos pelos colegas dessa conceituada empresa.

Sou veterinário de campo da Emater-DF e atuo na região de Brazlândia, dando assistência na bovinocultura de leite e mista, suinocultura, avicultura, caprinocultura, piscicultura e apicultura. Gostaria de continuar recebendo o Noticiário Tortuga e todo material técnico produzido por vocês".

Carlos Pereira das Graças
Brazlândia, DF.

Raro no mundo

"O motivo desta é para agradecer-lhe a remessa do Noticiário Tortuga e também para dar-lhes meus parabéns pelos produtos fabricados por essa empresa, que tanto tem contribuído para o desenvolvimento da pecuária nacional. O trabalho honesto e constante é raro no mundo em que vivemos, infelizmente".

João Rodrigues Neto, veterinário
Andradina, SP.



GRUPO TORTUGA

Tortuga Companhia Zootécnica Agrária

Fabiani S.A. Indústria e Comércio

Fosbase S.A. Indústria Nacional de Insumos Agropecuários

Sintelabor Indústria e Comércio S.A.

Cipagro S.A. Comércio e Indústria de Produtos Agropecuários

Tortuga Administração de Bens e Serviços S/C Ltda.

Administração central: Avenida Brigadeiro Faria Lima, 1409, 13º e 14º andar, Cep. 01451, telefone 814-6122, telex (011) 22270 (TCZA), São Paulo, SP. **Unidades industriais:** Rua Centro Africana, 219, Cep. 04730, telefone (011) 247-3777, São Paulo, SP - Avenida Alberto Cocozza, 3.000, telefone 428-3433, 428-3364, Mairinque, SP. **Filial São Paulo:** Avenida Brigadeiro Faria Lima, 1383, 18º andar, telefone 815-8745. **Filial Estado de Goiás:** Avenida Castelo Branco, 7480, setor Coimbra, Cep. 74000, telefones (062) 233-0488, 233-0802, telex (0622) 381 (TCZA), Goiânia. **Filial Estado do Rio Grande do Sul:** Avenida Farrapos, 2955, 1º andar, Cep. 90000, telefone (0512) 43-2600, telex (051) 2494 (TCZA), Porto Alegre. **Filial Estado Mato Grosso:** Rua 57, nº 92, Cep. 78000, telefone (065) 361-4771, telex (065) 2374 (TCZA), Cuiabá. **Escritório Estado de Minas Gerais:** Avenida Amazonas, 641 - 15º andar, cj. 15/A, Cep. 30.000, telefones (031) 212-1407, 212-1077, telex (031) 1519 (TCZA), Belo Horizonte. **Escritório Estado Rio de Janeiro:** Avenida 13 de Maio, 41, 18º andar, Cep. 20031, telefones (021) 220-0787, 220-0287, telex (021) 31052 (TCZA), Rio de Janeiro. **Escritório Estado da Bahia:** Rua Portugal, 3, Cep. 40000, telefones (071) 242-0899, 242-5136, telex (071) 1995 (TCZA), Salvador. **Escritório Estado do Paraná:** Rua Joubert de Carvalho, 623, 2º andar, telefone (0442) 231837, Maringá.

NOTICIÁRIO TORTUGA

Editor

João Castanho Dias
MTPS 8518

Fotografia

Francisca Suriano Silva

Arte

Walter Simões
Wilson Camargo Filho

Revisão

Roseli Matias Moreira

Tiragem

65 mil exemplares

Redação

Av. Brig. Faria Lima
1390 - 9º andar
Cep. 01452 - São Paulo
Fone: 814-6122

Impressão

Artes Gráficas Guarú S.A.

Distorções no mercado da soja prejudicam nosso criador

Na gangorra de preços da soja em grão e do farelo no mercado interno e externo, quem sai perdendo é o nosso produtor.

O Brasil é um dos maiores produtores mundiais de soja, produzindo na presente safra 17 milhões de toneladas. Depois dos Estados Unidos, é o segundo grande exportador. Esta privilegiada situação nem sempre representa benefícios para os consumidores brasileiros dos diferentes derivados da riquíssima oleaginosa.

Basta tomar como exemplo a cotação da soja em grão e do seu farelo em maio e outubro, respectivamente, final da safra e início de entressafra. Os preços foram levantados no Bolsa de Chicago e no mercado de São Paulo.



Quando o grão de soja tiver cotação de preço menor do que o farelo, o tostador deve entrar em ação.

Em maio, a soja em grão esteve cotada, na Bolsa de Chicago, a Cr\$ 900/kg e, no mercado paulista, a Cr\$ 780/kg, enquanto que no mesmo mês, o farelo de soja apresentou uma cotação de Cr\$ 668/kg na mesma Bolsa de Chicago e, em São Paulo, Cr\$ 607/kg. Quer dizer, a cotação brasileira foi inferior à americana.

Em outubro, no início da entressafra, a situação se inverte. A soja em grão e farelo de soja, apresentaram na Bolsa de Chicago, cotações respectivas de Cr\$ 1.303 e Cr\$ 1.500/kg, enquanto que no mercado paulista os preços foram de Cr\$ 1.583/kg (soja em grão) e Cr\$ 1.539/kg (farelo de soja).

Por essas informações, **conclui-se que tanto o produtor de soja como o consumidor do seu farelo saem perdendo, pois o primeiro vende mais barato o grão do que vale no mercado internacional, enquanto que o segundo paga mais caro do que seu concorrente (suinocultor, avicultor...) estrangeiro.**

Para minimizar estas perdas, sugerimos aos nossos criadores algumas medidas. Sempre que o grão de soja custar mais caro do que o farelo de soja, como ocorreu neste ano, o produtor deve tentar transformar o valor da venda de soja em farelo de soja, que seria retirado na indús-

tria no decorrer do ano. Lembramos que em situações menos favoráveis, a troca de soja por igual quantidade de farelo geralmente costuma ser um bom negócio.

Outra recomendação que damos é para aqueles criadores que têm o Tostador de Soja. Não vendam o grão e transformem-no em ótima ração para suínos, bovinos e aves. Todavia, nem

sempre o que acontece na safra é indicativo do que vai acontecer durante o ano. Estamos apenas no início da entressafra. As distorções podem ser mais acentuadas ainda.

Concluindo, estamos fazendo estas observações aparentemente em hora inoportuna, mas acreditamos que podem ajudar bastante a tomar uma decisão mais conveniente na próxima safra.

Feliz Natal

ESPERANDO QUE TENHA CUMPRIDO EM 1985 SUA MISSÃO DE BEM INFORMAR O HOMEM DO CAMPO, O NOTICIÁRIO TORTUGA TORCE PARA QUE 1986 SEJA ATRAVESSADO COM BOAS NOTÍCIAS PARA TODOS!



SOMMER ANDREY



Tortuga, a melhor

“Livre concorrência é mais eficaz para evitar abusos e consolidar as empresas”

FABIANO FABIANI

A Tortuga — Companhia Zootécnica Agrária, de São Paulo, não poderia ter dado a si mesma um melhor presente pelos 30 anos de fundação, comemorados ano passado, ao conseguir o melhor desempenho global do setor farmacêutico, dominado, em grande parte, por empresas multinacionais. Na verdade, o sucesso da empresa paulista remonta a 1980, quando começou a apresentar um crescimento moderado mas constante de suas vendas, além de adotar uma política de investimentos na verticalização da produção por meio do desenvolvimento tecnológico de produtos adaptados às condições brasileiras.

Fundador e presidente da Tortuga, Fabiano Fabiani orgulha-se de dizer que sua empresa tem capital exclusivamente brasileiro e que depende apenas de seus próprios recursos. Operando na industrialização de produtos zootécnicos, nutrição animal e insumos agropecuários, a empresa, segundo Fabiani, é líder do segmento, com 15% da fatia do mercado disputado por cerca de 200 empresas, das quais 80 respondem por 90% das vendas. Os suplementos minerais fabricados pela Tortuga, sua principal linha de produtos, atingem 50% do mercado nacional, segundo o presidente.

Para aumentar constantemente o padrão de qualidade, a empresa mantém alguns centros de pesquisa, entre eles o campo experimental de Rondonópolis (MT), e do sítio Ingá, em Jundiá (SP). O primeiro testa produtos destinados à nutrição bovina e o segundo concentra estudos para melhoramento genético das raças suínas.

Presente em todas as regiões do país, através de cinco gerências de área, escritórios regionais e filiais, a empresa tem uma estratégia simples de marketing. A publicidade é feita essencialmente em revistas agropecuárias, rádios do interior e, principalmente, através de contatos diretos com os pecuaristas, feitos por 350 especialistas que prestam, inclusive, assistência técnica aos criadores. Para este ano, Fabiani prevê a manutenção dos níveis de crescimento de vendas, mas acha que haverá queda da rentabilidade por causa do aumento dos custos operacionais e do controle de preços exercido pelo governo. Por isso, aliás, não poupa o Conselho Interministerial de Preços (CIP): “Acreditamos que o regime de livre concorrência é mais eficaz para evitar abusos e consolidar as empresas nacionais, forçadas a limitar investimentos em pesquisa devido à crescente descapitalização”, finaliza.

O RANKING DOS 10 ANOS

1985	Tortuga
1984	Aché
1983	Aché
1982	Pfizer
1981	Pfizer
1980	Pfizer
1979	Aché
1978	Moura Brasil
1977	Moura Brasil
1976	Fontoura Wyeth

Festa ajuda desempenho

Desde que apareceu pela primeira vez em *MM*, em 1980, jamais a Tortuga deixou de figurar entre as 10 melhores do setor, quase sempre entre as três primeiras colocadas. Seria fatal, então, que mais cedo ou mais tarde ela acabaria conseguindo, com amplos méritos, o melhor desempenho no setor. Para confirmar que o que vale mesmo é a regularidade, a Tortuga venceu sem ocupar o primeiro lugar em nenhum indicador: obteve um segundo lugar (em crescimento de receitas) e quatro terceiras colocações (renta-

bilidade, liquidez, capitalização e produtividade).

Num setor em que a média de crescimento das receitas foi negativa (menos 2,5%), a empresa paulista não fez por menos: cresceu 23,5%. Com o título, a Tortuga coroa as comemorações de seus 30 anos de existência. Não deixa de ser curioso verificar como é grande o número de empresas que melhoram seu desempenho quando têm alguma efeméride a celebrar. Isso mostra que a emulação — e um pouco de festa — não prejudica ninguém. (SCK)

FARMACÊUTICO

Nacional lidera novamente

Pelo segundo ano consecutivo (na edição passada foi a Aché e agora é a Tortuga), uma empresa brasileira conseguiu o melhor desempenho num setor em que as 20 maiores são, na imensa maioria, estrangeiras. A Tortuga, empresa que opera na área de produtos destinados à nutrição e medicamentos de uso animal, livrou 3 pontos (41 a 38) sobre a norte-americana Fontoura Wyeth, enquanto outra norte-americana, a Pfizer, com 35 pontos, ficou com a terceira colocação.

Graças a uma taxa de crescimento de 2,47%, a alemã B. Braun entrou na relação das 20 maiores do setor, mas a alteração mais significativa no ranking das maiores aconteceu com a paulista Dorsay, que pulou do 17.º para o sexto lugar. Aliás, na média das 20 maiores, o crescimento das receitas foi o único indicador que exibiu um desempenho pior que o da edição anterior (2,4% negativos contra 2,1% positivos).

Assim, o crescimento mais significativo talvez tenha sido o da rentabilidade do patrimônio, que passou de menos 4,5% em 1983 para exatos 8,9% ano passado, com a B. Braun e a Squibb conseguindo de longe as melhores taxas. A produtividade, na média das 20 maiores, também evoluiu favoravelmente, subindo de 1,36 para 1,89. Do terceiro lugar nesse indicador na edição passada (com 1,82), a Sydney Ross Co. saltou para o primeiro, com excelentes 3,43 — quase duas vezes acima da média setorial.

A nacional Aché lidera os dois principais indicadores financeiros, com 1,75 em liquidez e 69,4% em capitalização, praticamente repetindo os mesmos números da edição passada: 1,79 e 69,5%, respectivamente. Na média das 20 maiores, o índice de liquidez passou de 1,05 para 1,40 no período 1983/84, enquanto a taxa de capitalização, que fora a menor entre todos os setores em 1983 (28,5% na média das 20 maiores), pulou para 43,6% no ano passado. Apesar da evolução favorável, o nível de endividamento do setor continua elevado.

AS MELHORES

CRESCIMENTO

Receita operacional bruta, em relação à anterior, em %, já descontada a inflação

1. B. Braun	24,7
2. Tortuga	23,5
3. Lepetit	9,5
4. The Sydney Ross Co.	2,9
5. Schering	2,6
6. Fontoura Wyeth	1,7
7. Roche	-1,0
8. Pfizer	-2,5
9. Searle do Brasil	-5,0
10. Abbott	-5,7
Média do setor	-2,4

DESEMPENHO GLOBAL

Soma dos pontos obtidos pelas empresas que mais se destacaram nos seis indicadores*

1. Tortuga	41
2. Fontoura Wyeth	38
3. Pfizer	35
4. Roche	30
5. B. Braun	29
6. Aché	27
7. The Sydney Ross Co.	24
8. Bristol	22
9. Squibb	20
10. Lepetit	19

RENTABILIDADE

Lucro líquido sobre o patrimônio líquido, em %

1. B. Braun	58,5
2. Squibb	29,6
3. Tortuga	21,0
4. Fontoura Wyeth	19,9
5. Pfizer	18,8
6. Roche	13,9
7. Merck	9,0
8. Aché	2,7
9. Lepetit	-8,1
10. Schering	-14,7
Média do setor	8,9

PRODUTIVIDADE

Receitas operacionais sobre o ativo, deduzidos investimentos em outras companhias

1. The Sydney Ross Co.	3,43
2. Fontoura Wyeth	2,80
3. Tortuga	2,78
4. Bristol	2,55
5. Pfizer	2,46
6. Coopers Brasil	2,15
7. Squibb	2,15
8. B. Braun	1,90
9. Aché	1,82
10. Merck	1,81
Média do setor	1,89

LIQUIDEZ

Ativo circulante mais o realizável a longo prazo sobre o exigível total

1. Aché	1,75
2. Bristol	1,74
3. Tortuga	1,70
4. Fontoura Wyeth	1,55
5. Roche	1,49
6. Pfizer	1,46
7. Merck	1,46
8. B. Braun	1,40
9. Squibb	1,16
10. Schering	0,91
Média do setor	1,40

CAPITALIZAÇÃO

Recursos próprios (patrimônio líquido) sobre o ativo total, em %

1. Aché	69,4
2. Merck	58,5
3. Tortuga	57,8
4. Pfizer	56,0
5. Bristol	53,8
6. Roche	51,5
7. Fontoura Wyeth	45,2
8. B. Braun	43,6
9. Squibb	35,3
10. Abbott	31,3
Média do setor	43,6

* Critério: 10 pontos para as primeiras colocadas, 9 para as segundas e assim sucessivamente, em ordem decrescente, até a décima colocação, que vale 1 ponto. Em caso de empate, prevalece a classificação relativa à rentabilidade.

"A suinocultura foi a melhor coisa em que investi"

Plantador de milho e feijão. Dono de casa de carnes, olaria e alambique. Avicultor, produtor de leite e confinador de gado de corte. Tudo isso Domingos Mantovani já fez e ainda faz. Qual é a melhor? Nenhuma delas, seu negócio é o porco.

"Nós nos divertimos com o trabalho" é o lema de Domingos Mantovani, filho de um imigrante italiano que, partindo de Veneza nas correntes migratórias do começo do século, veio parar em São José do Rio Pardo, SP. Nessa cidade não nasceu apenas ele, mas também, seus quinze filhos e 26 netos. Quando a família se reúne, como vai acontecer agora, no Natal, são 56 pessoas sentadas em volta da mesa. Ver todo mundo junto, com saúde, é a grande alegria de Domingos.

"Minha vida foi dura e não foi nada fácil chegar onde cheguei agora", vai falando, enfatizando que tudo o que tem deve à suinocultura. Nos anos 50, "depois de ter capinado muita cana", comprou um caminhão usado para entrar no comércio de venda de cebola, batata e outros produtos agrícolas. Comerciante nato, depois de seis meses já tinha dois caminhões novos. O capital inicial estava formado e, então, "comecei a adquirir terras em São José do Rio Pardo".

PORCO EM CASA

Tentou sem muito êxito a fabricação de pinga e avicultura. Mas depois que entrou para a criação de porcos, isso há



Domingos: "uma abelha sozinha não faz mel"

uns vinte anos, não teve mais insucessos. Hoje dono de três propriedades na região, num total de 170 ha, Domingos, 59 anos, pensa agora "comprar uma fazenda bem grande, perto de 300 ha, para plantar 60 mil pés de café e encher o resto com lavoura de milho". Ele quer fazer o porco em casa mesmo e não

depender mais de ninguém no abastecimento do grão.

Seu plantel é composto por 6 mil suínos das raças Landrace, Large White e Duroc, dos quais seiscentos são matrizes, distribuídos pelas Fazenda da Barra, Barra da Conceição (na vizinha Tapiratiba) e Sítio São Pedro. Ele vende

uma média de seiscentos porcos por mês, considerando que "preço bom é quando a arroba vale três sacos de milho". São seus próprios filhos que fazem a entrega nos frigoríficos, guiando caminhões equipados com carrocerias especiais para o transporte.

Domingos é o tipo do produtor rural que investe na terra todos os lucros gerados por ela. "Se vender tudo que tenho e aplicar em poupança daria para andar de avião o dia inteiro", justifica-se. Mas se numa coisa gosta de gastar é naquilo que vai melhorar os índices de produtividade da sua exploração. Para ele também é muito importante trabalhar em equipe, pois "uma abelha sozinha não faz mel". Quanto a isso, está bem servido pelos seus filhos.

CLIENTE ANTIGO

Prova dos investimentos que faz na suinocultura, é uma bateria de oito silos, com capacidade para armazenar, cada um, 3 mil sacos de milho, ou seja, 24 mil sacos no total, ou então, 1.500 toneladas. Construídos com madeira e alumínio, possibilitando perfeita ventilação, cada silo deve custar hoje mais de Cr\$ 100 milhões. Só para armazenar o grão, Domingos tem hoje um capital imobilizado de quase Cr\$ 1 bilhão.

Cliente antigo da Tortuga, Domingos usa Suigold desde seu lançamento, consumindo 6 toneladas mensais. Sobre esse complexo vitamínico mineral, fala que "olha, arrumar um outro produto para combater o Suigold não vai



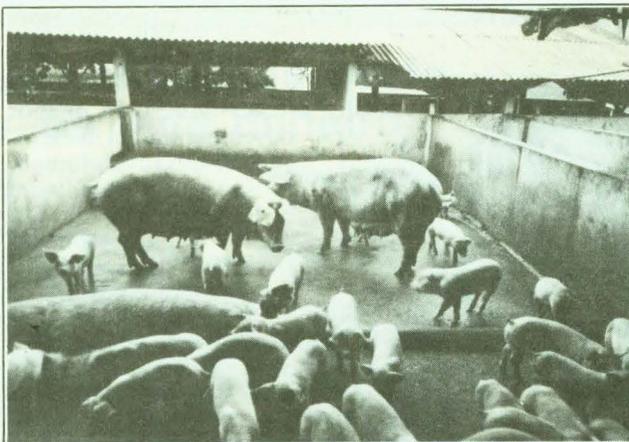
O plano é fechar 1 mil bois

ser fácil não; a gente que tem muito serviço, não pode perder tempo misturando isso, aquilo. Ele serve para tudo: porca seca, de cria, leitão, porco de engorda e por aí afora”. Ferrodex também não falta na sua criação.

Garantido financeira e economicamente no porco, ele está partindo agora para a diversificação: engorda confinada do boi. Construiu instalações para duzentos animais e dentro de mais alguns meses vai tirar o primeiro lote. Eles entram com 10 arrobas e depois de quatro a cinco meses, saem com 18 arrobas. Para o futuro “meu plano é fechar mil bois, tratando-os com cana e napier picado, cama de frango, rolão de milho, Fosbovi 30 e Ralgro”.

RENDA CERTA

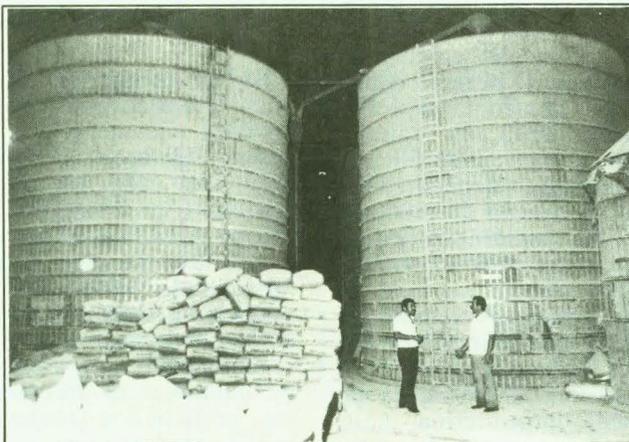
Obtendo o primeiro lugar no concurso de produtividade rural, instituído pela Secretaria da Agricultura de São Paulo, Domingos não é homem dado a diversões, exceto uma: frequentar exposições e leilões de gado leiteiro. Mas faz isso com uma finalidade específica, que é a de comprar matrizes para o seu rebanho produtor de leite B. Antes ele vendia o líquido a granel na cidade, mas a questão de uns dez anos passou para esse tipo de leite. Atualmente sua produção está estabilizada em 700 litros diários, mas já chegou a tirar 1.200 litros.



Plantel de 6 mil porcos



Piscina, por enquanto apenas um buraco



Silos que valem Cr\$ 1 bilhão

Por que o leite B? Sua resposta: “o preço recebido é melhor, além de ser mais higiênico e dar menos trabalho para tirá-lo”. Nessa atividade ele emprega cem vacas, sangue holandês preto e branco. Domingos está satisfeito com a pecuária leiteira, pois dá uma renda certa. Mas de uma coisa ele fala convictamente: “a suinocultura foi a melhor coisa em que investi e não é apenas nos dias que correm que está dando dinheiro, pois, para mim, ela sempre foi rentável”.

CAFÉ NA MESA

Possuindo ainda uma olaria em Itapiratiba, onde fabrica tijolos para o próprio consumo, além de uma casa de carnes em São José do Rio Pardo, (vende 120 porcos e 40 bois por mês) Domingos um dia resolveu construir uma piscina na sua fazenda. “Fiz o buraco e cheguei a amontoar o tijolo três vezes para terminá-la, mas acabava sempre levando-os para alguma outra obra para os porcos, para o gado, para...”. Há três anos que ela está do mesmo jeito, sem prazo de conclusão.

Quer dizer, para Domingos em primeiro lugar está o trabalho e depois o resto. Dorme e acorda cedo. “A hora em que o Jornal Nacional diz boa noite eu também digo para todos, mas também pode chegar em casa às 4 horas da manhã que o café já está na mesa”.

Como lidar com o gado leiteiro

Artigo escrito por **Dino Gava**



As vacas precisam de um descanso de 60 dias

A falta de mão-de-obra qualificada na pecuária leiteira provoca sérios transtornos no manejo do rebanho. Se ele não for permanentemente assistido, é fatal a queda da produção. Assim, por ocasião do parto da vaca, torna-se indispensável tomar todos os cuidados. Em partos difíceis, ela necessita de auxílio, tanto por via mecânica, ou através do uso de ocitócito, como o Prolacton, pois facilita a involução uterina e a eliminação da placenta e de seus restos.

O bezerro nasce sem nenhuma proteção contra as doenças. A ingestão do colostro, leite materno rico em minerais, proteínas (anticorpos) e vitaminas, principalmente a A, é fundamental. Requer ainda tratamento do umbigo, o chamado cordão umbilical, porta de entrada de

muitas doenças, o que pode ser feito com sprays que, além de modernos, são produtos de fácil aquisição e aplicação.

Sabendo-se que a dieta exclusiva de leite é pobre em Ferro, não se pode deixar de aplicar Ferrodextrano na primeira semana de vida, proporcionando desta forma, maior resistências às doenças, dada sua função de aumentar o volume de hemácia do sangue. O bezerro constitui, dentro da exploração leiteira, um capítulo de grande importância, porquanto depende dele a renovação do plantel.

Na exploração leiteira, não é encarada com a importância que merece o combate às verminoses no primeiro mês de vida. O bezerro é susceptível de contrair infecções na vida intra-uterina, nascendo infestado por *Neoscaris* (lombrigas).

Para controlar com grande sucesso estes vermes, deve-se usar produtos a base de piperazina que, além de eficientes, determinam a eliminação nocivo devido suas propriedades laxativas.

Os bezerros ainda necessitam, para melhor desempenho, da aceleração do desenvolvimento do seu rúmen, mediante o fornecimento de alimentos sólidos (concentrados, feno, capim picado, silagem...) a partir da segunda ou terceira semana de vida. Além de estimular mais cedo as funções digestivas, a medida favorece a desmama precoce e torna a atividade mais econômica.

O bovino novo, apesar de ter o rúmen já desenvolvido, não possui habilidade total de digerir forragens grosseiras, como o faz o adulto. Assim, é muito importante o fornecimento de concentrado energético-protéico balanceado com minerais e vitaminas. O pasto destinado às novilhas deve ser de boa qualidade, de preferência novo, bem suculento. Não esquecer também dos bebedouros, com água potável, e dos cochos para colocar, permanentemente, sais minerais.

Se as condições do meio foram adversas, as novilhas não atingem o desenvolvimento desejável em cada fase da criação. É preciso refletir que uma vaca adulta é o reflexo daquilo que foi quando nova. Por outro lado, o excesso de alimento também não é recomendado, pois além de aumentar as despesas, prejudica a formação e conformação da futura produtora, mani-

festada na ausência do temperamento leiteiro.

A reprodução é de vital importância. A primeira cobertura deve ser feita, nas raças grandes, aos 300/ 330 kg de peso vivo; nas raças médias, aos 270/ 290 kg e, nas raças pequenas, aos 240/ 250kg.

Recomenda-se um período de descanso (período seco) de sessenta dias, para recompor o tecido glandular do úbere. Tempo inferior ou superior a este atrapalha a lactação seguinte e acarreta aumento dos gastos. Nessa fase, é mais que recomendável o fornecimento diário de concentrado energético-protéico enriquecido com minerais e vitaminas, porque nesses dois últimos meses antes da parição a vaca necessita de nutrientes não apenas para sua manutenção, mas também para a reprodução (formação do feto).

O AUTOR



Natural de Criciúma, SC, 47 anos, Dino Gava formou-se pela Escola Nacional de Veterinária, da Universidade Rural do Brasil. Na Tortuga, é Gerente do Departamento de Bovinos de Leite.